

38.º Encontro de Filosofia

filosofia e emoção

17 de fevereiro de 2024 | formato híbrido

Coimbra

Emoções e Moralidade, em torno de Bernard Williams

(ou algumas diferenças importantes entre uma abordagem cognitiva das emoções e a ética como projecto filosófico)

Sofia Miguens

Universidade do Porto

A natureza da racionalidade:

A racionalidade humana não se compreende sem as emoções

Exemplos a partir de projectos de investigação em torno de racionalidade e emoções (2004-2024)

Rationality, Belief, Desire – from cognitive science to philosophy (FLUP; MLAG, IP Sofia Miguens, 2004)



Exemplos a partir de projectos de investigação em torno de racionalidade e emoções
(2004-2024)

Revista *Topoi*, Special Issue (Ana Falcato e Susana Cadilha eds.):
***The Formation of the Moral Point of View - The Legacy of Bernard Williams 20 years
After his Passing (2024)***

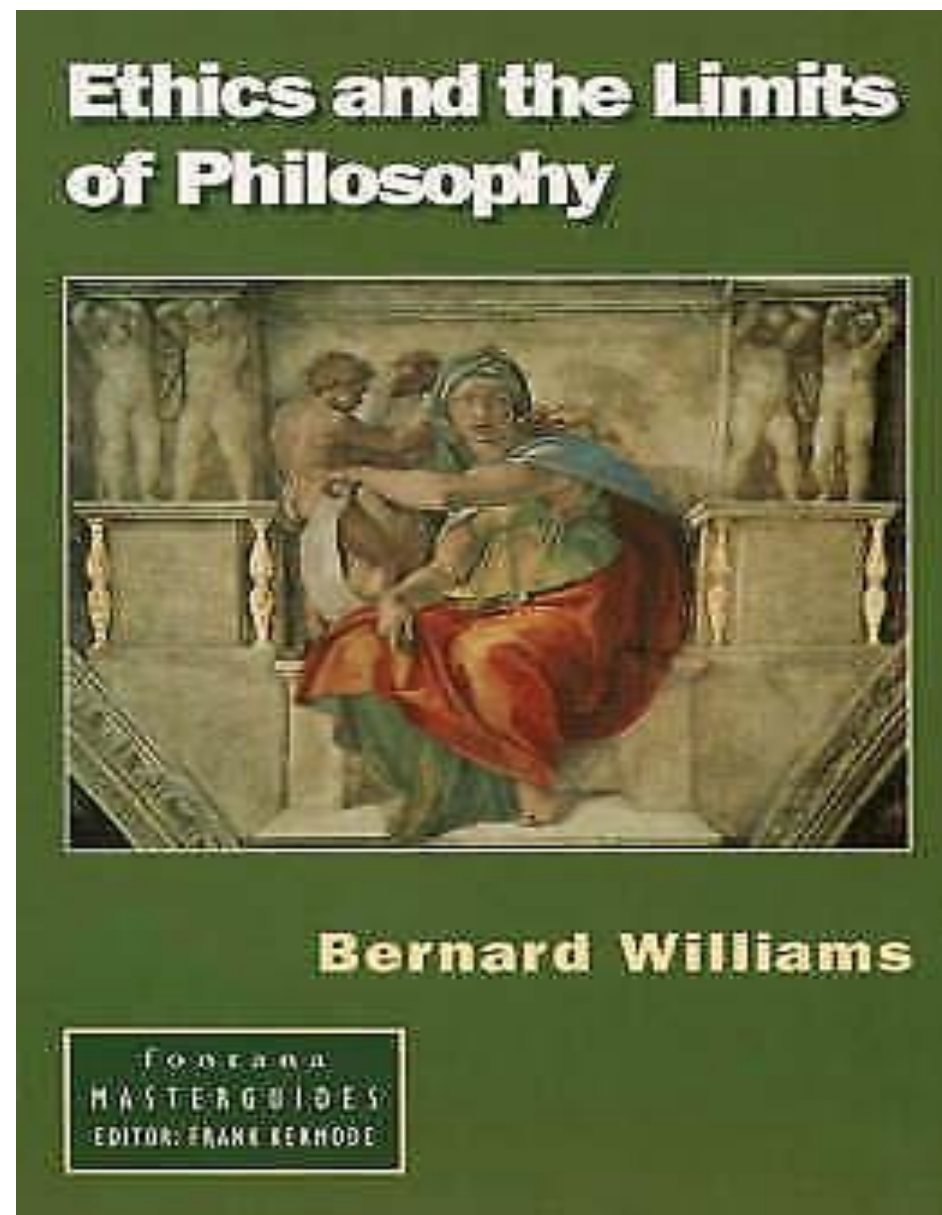
<https://link.springer.com/collections/bjcfjcbcid>

**Distinguir: abordagens das emoções de um ponto de vista cognitivo de concepções do papel das emoções na ética como projecto filosófico
[Com a ajuda de Bernard Williams (1929-2003)]**



Bernard Williams

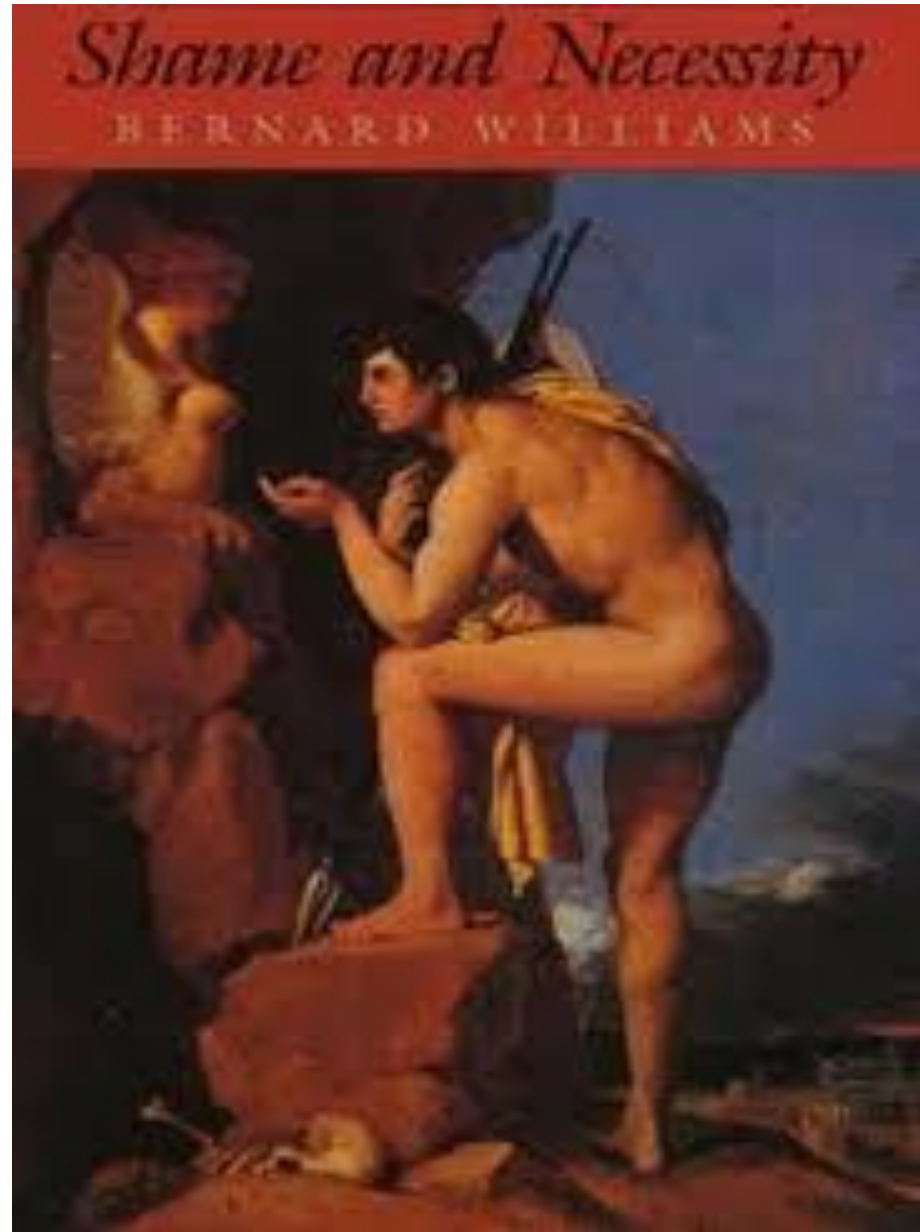
Ethics and the Limits of Philosophy (1985)



Williams critica aquelas a que chama ‘concepções administrativas’ de moralidade (o utilitarismo e a deontologia),

E defende que em ética a reflexão pode destruir o conhecimento (*in ethics reflection can destroy knowledge*, ELP, p. 148).

Shame and Necessity (1993)



É sobre esse pano de fundo que se pode compreender o seu trabalho sobre emoções morais

Questões a colocar a Williams:

Porquê os Gregos?

Porquê Nietzsche?

O que traz Nietzsche ao naturalismo em filosofia?

Compreender as emoções de um ponto de vista cognitivo (na psicologia, na neurociência) não nos diz ainda por que razão as emoções interessam à filosofia

[Em que sentido é que as emoções interessam *também* à filosofia?]

Paixões ou emoções? Ciência ou filosofia?

As discussões contemporâneas das *paixões* constituem-se como discussões das *emoções*. A opção terminológica é prenhe de significado. Mostra, entre outras coisas, um tendencial esquecimento da dimensão antropológica (...) das paixões, e a preferência pela sua tematização a partir da biologia e (sobretudo) das neurociências e da psicologia (Paulo Tunhas, “Paixões”, *Revista da Faculdade de Letras – Série de Filosofia*, 27-28 (2010/2011) 169-236)

Quando se discute hoje emoções, por exemplo na filosofia analítica da mente e da linguagem, o que, exactamente, se discute?

Na **filosofia da mente**: emoções como sentimentos, juízos, percepções avaliativas, sentimentos avaliativos, padrões de saliência, programas de afecto, enacções, o seu carácter apropriado (*fittingness, warrant*) e a partir daí o seu papel numa concepção de racionalidade prática, racionalidade na acção.

Na **filosofia da linguagem** discute-se por exemplo *pejoratives, slurs, hate speech* (abordagem performativa do discurso do ódio). *Slurs* (palavrões-insultos) são omnipresentes na linguagem natural. O que está em causa é que o uso de tais palavras pode causar danos reais, ao denegrir, silenciar ou marginalizar as pessoas visadas.

Um quadro geral para pensar sobre racionalidade e emoções

De que falamos quando falamos de racionalidade?

De que falamos quando falamos do trabalho das emoções na racionalidade de agentes?

‘Racionalidade’ de agentes:

(racionalidade = ser movido à acção, prosseguir os seus fins recrutando os meios apropriados (**racionalidade instrumental**));

(racionalidade: decidir por entre alternativas **maximizando a utilidade esperada**).

Racionalidade: Princípios normativos

O facto de determinados princípios normativos do raciocínio e da acção serem estipulados por lógicos, estatísticos e teóricos da decisão não significa de forma alguma que estes sejam necessariamente seguidos por agentes reais nos seus afazeres cognitivos reais.

Por que é que os agentes não seguiriam os princípios normativos?

Antes de mais porque esses princípios são (assumidamente) **idealizações** que não capturam o funcionamento da racionalidade real (a arquitectura cognitiva dos agentes como sistemas cognitivos físicos, espaço-temporais, o processamento da informação, etc).

Emoções e motivação

Entra aqui a **estrutura motivacional** do agente, com a forma como crenças, desejos, intenções, emoções, razões se relacionam para conduzir o agente à acção.

De facto, porque é que havemos de pensar e agir racionalmente, mesmo vendo claramente o que isso significaria? Qualquer um de nós pode saber o que deveria pensar, o que deveria fazer, à luz de determinadas considerações de racionalidade em que inclusivamente pode assentir conscientemente, e no entanto não o pensar, não o fazer (como bem sabia Fernando Pessoa).

Isto mostra que outros aspectos da mente ou espírito além de representação e cálculo estão (pelo menos em nós, humanos) envolvidos naquilo a que chamamos racionalidade.

Motivação

Ligada à avaliação e selecção de finalidades (*goals*) do comportamento do agente e aos mecanismos cognitivos/neuroquímicos/hormonais subjacentes a esses processos. Influência moduladora e coordenadora sobre a direcção, vigor e composição do comportamento, com fontes internas, ambientais e sociais.

É aqui que em agentes físicos, biológicos, como nós, humanos, entram as emoções.

As emoções são estados ou processos psicológicos que são tipicamente provocados por avaliações de eventos como relevantes para fins dos agentes e funcionam na gestão desses fins. Funcionam como uma forma de 'colocar como prioritário' algum fim ou plano do agente, na acção ou na vida mental em geral.

Emoções, racionalidade instrumental e motivação

Emoções primárias: medo/ansiedade, fúria/raiva, tristeza, felicidade e nojo.

Emoções sociais: simpatia, compaixão, embaraço, vergonha, culpa, orgulho, ciúme, inveja, gratidão, admiração, espanto, indignação, desprezo.

Elas são estados ou processos psicológicos que funcionam na gestão de fins de agentes e que são tipicamente provocados por avaliações de eventos como relevantes para os ditos fins. Funcionam como uma forma de 'colocar como prioritário' algum fim ou plano do agente, na acção ou na vida mental em geral.

**Um quadro naturalista tout court:
Exemplo: o trabalho de António Damásio**

Mas o que é ser naturalista?

Considerar os humanos, enquanto seres conscientes, racionais e morais, nas suas relações com o significado e o valor, como parte da natureza e não como algo de supra-natural.

A oposição clássica entre Hume e Kant quando se trata de paixões, emoções e racionalidade mostra-nos que, e como, se pode ou ser ou não naturalista (em filosofia) aqui - um é um naturalista, o outro não o é.

HUME versus KANT

a) Ser ou não ser naturalista

b) Concepções mais ou menos racionalistas da nossa estrutura motivacional

O que move um agente à acção?

HUME

A razão é uma escrava das paixões, não tem por si mesma qualquer força motivacional. «Não é contrário à razão eu preferir a destruição do mundo inteiro a um arranhãozinho no meu dedo.» (Livro II, Parte III, Secção III)

É devido ao seu carácter inerte, à sua impotência para nos fazer tender para a ou b ou c, para nos dar fins ou objectivos, que a razão é e deve ser, segundo Hume, 'a escrava das paixões', não deve nem pode pretender outro ofício senão servir e obedecer. (*Tratado da Natureza Humana*, Livro II, Parte III, Secção III)

O que move um agente à acção?

KANT

Os desejos constituem em última análise uma interferência (indesejada...) na passagem do agente à acção, uma espécie de escudo psicológico incómodo que além do mais 'esconde' do próprio agente a natureza da sua (possivelmente racional) motivação para agir.

A Razão é o único motor apropriado da acção.

Por princípio os seres humanos podem agir de forma *totalmente* racional.

Um pouco mais sobre Hume e Kant e o que nos move à acção:

**O que é uma pessoa racional/razoável segundo Hume e Segundo Kant
(imagens antitéticas)**

**Os desejos segundo Hume e Kant
A deliberação segundo Hume e Kant**

Prolongamentos na ética e na filosofia política:

Uma kantiana: Christine Korsgaard

Um humeano: Simon Blackburn

Até aqui:

A questão da natureza e papel das emoções está intimamente ligada à forma de concebermos a natureza da racionalidade. A forma como a estrutura motivacional do agente é concebida, a forma como crenças e desejos se relacionam, é sempre, tacita ou explicitamente, considerada em qualquer tratamento da racionalidade.

Isto é ciência e é depois, também, filosofia (não estamos no entanto – pelo menos para já - a falar da ‘racionalidade ocidental’ mas sim de agentes reais, isto é, por exemplo de cada um de nós e daquilo que nos move à acção).

Quando passamos da ciência (em que sim, somos naturalistas) para a filosofia temos de fazer a opção ser ou não sermos naturalistas. **Hume é um naturalista, Kant não o é.**

Serão idênticas todas as formas de se ser naturalista em filosofia?

Não, não são –Williams é um naturalista como Hume, no entanto, a sua inspiração nietzscheana leva-o a pensar que o naturalismo *tout court* não é suficiente para compreender a natureza da ética.

Williams sobre a natureza da ética: uma ‘visão clara e perturbadora’ (Adrien Moore)

Não há qualquer base para uma teoria moral tal como as “ideias administrativas de racionalidade” (Williams 1985: 197) nos fizeram esperar (Williams tem em mente as várias formas de utilitarismo e kantianismo hoje disponíveis e acusa-as de se basearem em más concepções de racionalidade).

O propósito da reflexão moral é simplesmente auxiliar a nossa auto-compreensão. A filosofia não pode dizer-nos como devemos viver ou o que devemos racionalmente fazer. Como poderia a filosofia fazer tal coisa? (o que se estaria a pressupor).

Porquê os Gregos?

Eles foram retratados como possuindo uma moralidade não autónoma, quase infantil, dominada por uma noção de **necessidade** ou destino.

Mas Williams pensa pelo contrário que a visão **trágica** dos Gregos acerca da acção humana, intenção e responsabilidade está muito mais próxima de nós, hoje, do que as visões a que chama **progressivistas** e que foram, entretanto, dominantes (a visão cristã ou a visão kantiana-hegeliana e que faziam pensar nas coisas humanas como inteligíveis e tendo um sentido global).

Algumas críticas à (discussão em) ética analítica que daqui sairão:

Não podemos pensar no que é racional fazer sem considerar que temos a nossa vida para viver.

Não podemos pensar nas (nossas) virtudes e carácter de forma totalmente instrumental, como sendo apenas um meio para *outcomes* racionalmente calculados do 'ponto de vista do universo' (nós não somos *devices for generating outcomes*).

O ponto de vista do universo (dos utilitaristas) *cannot be the point of view of agency* (o ponto de vista da agência é necessariamente *first-personal and engaged*).

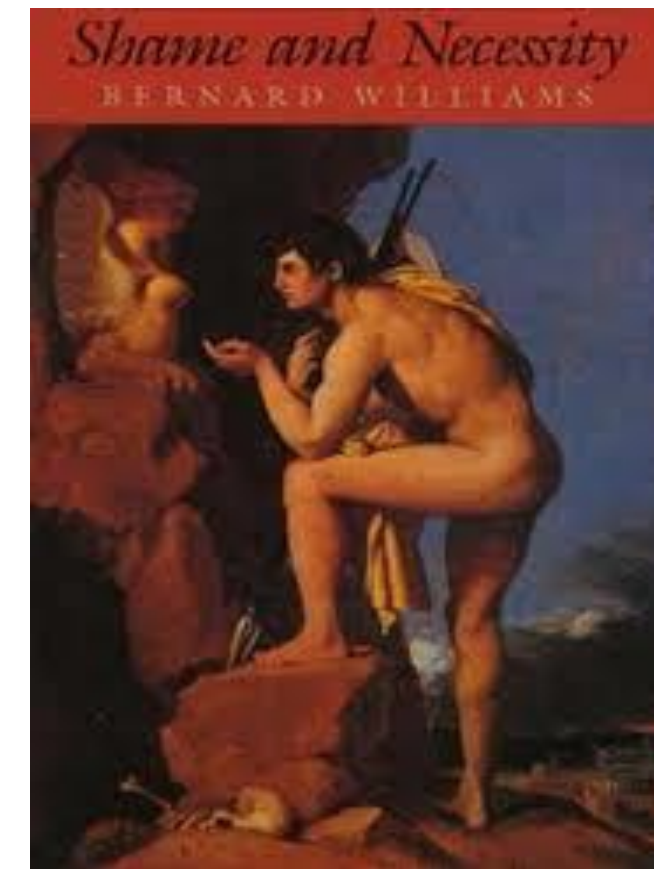
[Também a muito célebre ideia: A vergonha pode compreender a culpa, mas a culpa não pode compreender a si mesma]

Em suma, as emoções importam muito em filosofia, não apenas em ética mas para constataremos os limites da filosofia e da evocação de uma ideia de racionalidade. Há certas coisas que a filosofia não pode fazer e isso também é filosoficamente importante.



«We have more in common with the audience of the tragedies than the progressivist story allows.» (Bernard Williams, *Shame and Necessity*, p.18)

FIM



Bibliografia

Blackburn, S. (1998). *Ruling Passions – A Theory of Practical Reasoning*. Oxford: Oxford University Press.

Miguens, S. (2004). *Racionalidade*. Porto: Campo das Letras.

Miguens, S. e Pinto, J. A. (2018). “Seeing what a ‘science of rationality’ founders on (with a little help from D. Davidson)”, in *Rationality and Decision Making – From Normative Rules to Heuristics*. Marek Hetmanski ed., Leiden: Brill.

Miguens, S. (2024). “Williams’ Relativism and the Moral Point of View: A Challenge by Cora Diamond”. *Topoi*, <https://doi.org/10.1007/s11245-023-09989-0>

Williams, B. (1985). *Ethics and the Limits of Philosophy*. Berkeley, CA: University of California Press.

Williams, B. (1993). *Shame and Necessity*. Berkeley, CA: University of California Press.

Williams, B. (1995). *Making Sense of Humanity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Williams, B. (2002). *Truth and Truthfulness*. Princeton: Princeton University Press.